

Diego Couto

Sono premiado

“Você foi selecionado, senhor”, disse-me o homem de terno cinza e cabelos grisalhos ao se aproximar de mim. Eu não sabia como tinha ido parar ali; apenas me lembrava de ter me deitado para dormir um pouco antes. Sua aparência era estranhamente vaga, como se ele tivesse a mesma idade há algumas décadas. O rosto, ilegível em sua impassividade, condizia com sua voz monocórdia, e seus maneirismos indicavam uma educação aristocrática.

Eu o encarei por alguns segundos antes de esboçar qualquer reação. Olhei ao redor e me dei conta de que estava num recinto suntuoso e repleto de quadros pendurados de maneira desordenada, alguns dos quais maiores do que eu. Um espesso tapete vermelho se estendia até uma porta amarela, e atrás de mim havia uma única janela coberta por pesadas cortinas escuras.

“Selecionado para quê?”

Ele me fitou por um instante antes de se virar e apontar para a porta.

“Faça o favor de me seguir”.

Cruzamos a sala, que parecia mais espaçosa conforme a atravessávamos. Pilhas de livros velhos se assomavam junto às paredes, compondo uma fortaleza que eu até então não havia notado. Além da porta, um longo corredor ladeado por castiçais e retratos ominosos nos aguardava, cada rosto emoldurado parecendo mais soturno que o anterior, como se as pessoas ali pintadas estivessem, na verdade, aprisionadas, implorando para que alguém as libertasse daquela condição de imobilidade imposta por um artista com vocação para carcereiro.

“Veja, eu não sei o que isso significa, mas acho que seria de bom tom se o senhor pelo menos me explicasse o que está acontecendo”, falei, ao que o homem estacou e olhou para mim.

“Esta é uma oportunidade única. Tenha paciência”, respondeu, e voltou a caminhar.

Adentramos uma sala circular com uma mesa redonda em seu centro, sobre a qual repousava um grande recipiente incrustado de pequenas pedras cintilantes, cujos reflexos, reparei, se assemelhavam à rutilância das águas de um rio que corre sob a incidência da luz do sol. Metros acima da mesa pendia um lustre de largas proporções.

Foi então que eu percebi a aproximação de outras três pessoas, um homem e duas mulheres, que se encaminharam para as cercanias da mesa. O efeito hipnótico exercido pelo

brilho do centro da sala deve ter me distraído daquelas presenças, pois eu não as notei de imediato quando entrei no espaço. Vi então que nas bordas da sala havia três cadeiras acolchoadas, que de uma forma inexplicável submergiram numa sutil bruma invisível. Aquelas três pessoas, pensei eu, provavelmente estavam aqui há mais tempo, e todas elas sustentavam uma expressão de perplexidade em seus rostos. O homem de terno cinza se postou diante da mesa e percorreu nossas faces com seu olhar gélido.

“Por favor, não conversem entre si. Apenas sigam das instruções que eu lhes darei e tudo terminará bem. Muito bem, na verdade”, disse nosso anfitrião, colocando as mãos sobre aquele recipiente luminoso. Todos olhamos para baixo no mesmo instante.

Uma panóplia de joias coloridas formava uma pilha de opulência como somente em sonhos seria possível vislumbrar. Diamantes do tamanho de meu punho abundavam em meio a esmeraldas e safiras igualmente grandes.

“Vocês terão o privilégio de escolher a pedra que mais lhes agradar. Devo ser enfático ao dizer isso: apenas uma. Ninguém mais no mundo dispõe desta oportunidade neste momento; sejam prudentes em sua escolha. Uma vez apanhada, apenas fechem os olhos e cada um de vocês voltará ao lugar de onde veio. Foi um prazer conhecê-los”, completou o homem, ao que se afastou a passos rápidos para uma porta que se formou na extremidade oposta daquela pela qual havíamos chegado. Ficamos a sós com o tesouro inestimável.

Congelei naquele instante decisivo; já as outras três pessoas não demoraram a escolher, e cada uma optou por uma joia diferente. O homem foi o primeiro e, ao fechar os olhos, desapareceu subitamente, como se nunca tivesse estado ali de fato. As duas mulheres se entreolharam por um átimo, até uma delas recolher uma belíssima esmeralda. Então ela fechou os olhos com um sorriso e voltou, presumivelmente, para sua casa.

Ainda incapaz de escolher, eu permaneci incrédulo diante daquela cornucópia inimaginável. A outra mulher optou por uma enorme gema avermelhada que eu logo deduzi se tratar de um rubi. Seus olhos se fecharam logo em seguida, levando-a para muito longe.

Sozinho, afinal, comecei a me sentir confortável para decidir. O homem de terno cinza não havia determinado um limite de tempo, mas algo me dizia que eu deveria ser rápido, como se a qualquer momento aquele conjunto de circunstâncias fosse desaparecer tal qual um sonho atravessado pelo som do despertador. Absorto na luz daquelas gemas, fiz então o que nenhum outro convidado ousara fazer: apanhei dois diamantes, um em cada mão, e fechei os olhos sem

pensar mais um instante sequer. Acordei no silêncio do meu quarto. Uma fresta de luz se projetava contra a parede ao lado da minha cama; já era manhã, e meu celular ainda não despertara. Ao me levantar da cama, ouvi um estrépito. Algo caíra no chão. Acendi a luz e constatei que um volumoso diamante jazia diante da mesa de cabeceira. Outro diamante do mesmo tamanho encontrava-se à beira do colchão. O sonho fora mais do que um sonho.

Cancelei todos os meus planos para o dia: reunião alguma demoveria a minha mente daquele extraordinário acontecimento. Além do mais, até onde eu podia conceber, aquelas duas pedras faziam de mim um homem extremamente rico.

Os dias que se seguiram não foram muito diferentes: permaneci isolado, andando pela casa, ora com os diamantes em mãos, ora colocando-os numa gaveta, testando sua permanência neste mundo – eles continuavam lá, invariavelmente.

No quarto dia eu saí de casa disposto a prodigalizar minhas economias; não precisaria mais delas, já que meu futuro estava assegurado pela bonança daquelas pedras oriundas do sonho. Foi talvez o dia mais divertido de toda a minha vida. Ao final daquele dia, porém, um rosto familiar chacoalhou minha perspectiva. Um homem com cara de aflito acenou para mim do outro lado de uma avenida movimentada. Ele parecia me esperar. Ao seu lado postava-se um enorme cachorro preto, igualmente expectante, arfante e com a língua à mostra. Um arrepio percorreu a minha espinha, e eu decidi ignorá-lo. Fingi não o ver e tomei um táxi para casa.

Eu me esqueci daquele encontro pelo resto do dia, até acordar de madrugada com algo arranhando a porta da frente de casa. Lembrei do cachorro. Levantei-me e fui até lá para verificar. Ao me aproximar da porta, perguntei duas vezes se havia alguém por ali, e só o que recebi foi silêncio, aquele silêncio sepulcral das três da manhã. Respirei fundo e, segurando o único objeto minimamente contundente que eu pude encontrar, isto é, a vassoura mais próxima, saí para a rua: não havia ninguém, mas a porta estava marcada por profundos talhos.

Duas horas depois, ainda sem dormir, ouvi o telefone tocar. Pensei em não atender, contudo a insistência foi tão grande que eu me levantei e, ligeiramente inquieto, recebi a ligação. “Quem é você? O que você quer?”, indaguei, e não obtive resposta. Desliguei e me afastei alguns passos, apenas para ouvir o telefone tocar novamente. Dessa vez, porém, ele falou, pronunciando pausadamente cada palavra: “Você transgrediu a regra e trouxe algo que nos pertence, agora deverá pagar por sua má conduta”. E desligou.

Aquilo me assustou, incutindo-me uma série de suposições a respeito do que aconteceria comigo caso eu fosse capturado por aquele homem. Refleti profundamente sobre tudo o que tinha ocorrido, e pela primeira vez desde o sonho minha mente se aclarou, como se eu finalmente tivesse chegado a um estado de sobriedade após uma longa noitada regada a toda sorte de bebidas. Num lapso irrefletido, eu realmente havia ultrapassado os limites impostos pelo anfitrião. Seja lá qual fosse a lógica daquele mundo, eu rompera um tabu sem conhecer a penalidade referente a este crime.

Esbociei um plano: caso o homem me contatasse novamente, eu me proporia a devolver o diamante extra; não me faria mal algum, já que uma única pedra era o bastante para que eu mudasse de vida. Era só questão de gerir uma pequena crise, um simples mal-entendido.

Foi com essa resolução que eu tomei uma pílula para dormir, já que meu sono se recusava a aparecer, e voltei a me deitar, agora com a mente um pouco mais ordenada. Devolver um diamante, vender o outro, sumir deste lugar. Um diamante bastava. O sono começou a pesar minhas pálpebras. Sonhos rápidos e amorfos. Abri os olhos com lassidão, algo me incomodava. Uma dor, talvez, uma dor na mão esquerda. As pálpebras pesavam, mas a dor era cada vez maior, mais palpável. Acendi o abajur com a mão direita: o cão mastigava a outra mão com um furor abominável, os olhos completamente perdidos no prazer de me consumir. Meu terror se traduziu num grito lancinante, impelindo-me a lutar contra aquela criatura que a cada instante parecia se transfigurar noutra coisa, numa entidade irreconhecível pelos olhos humanos.

O animal me soltou e, quando eu estava prestes a desmaiar, vislumbrei, na ponta da cama, uma silhueta monolítica que me pareceu o indivíduo com cara de aflito que eu havia visto do outro lado da avenida. Naquele último instante de consciência eu finalmente me lembrei do motivo pelo qual ele me parecera tão familiar: eu o encarara num quadro daquele corredor, pintado com as tintas tétricas de um artista nefando.

“Bem-vindo de volta”, disse o anfitrião. Eu me vi sentado numa cadeira acolchoada diante de um cavalete. Outro sujeito pálido e muito magro segurava um pincel, seus olhos fixos em mim. “A regra é simples, e você a violou”, prosseguiu o velho conhecido. “Agora você deverá fazer companhia aos nossos amigos estáticos”. Olhei para a minha mão esquerda, que não passava de uma colcha de retalhos. Tentei acordar, mas não fui capaz; o pintor atacava a tela com rapidez, e eu me sentia cada vez mais debilitado. O anfitrião segurava um diamante em cada mão. Seus lábios se deformaram num lânguido sorriso.

Em breve eu não passaria de um retrato sórdido num corredor.